

Hugo Vilares

Qual a Origem do Conhecimento?

Introdução

Este trabalho que aqui apresento, no âmbito da disciplina de Filosofia 11º ano, é uma análise a duas teorias sobre a origem do conhecimento. A questão levantada é: de onde nasce o conhecimento?

Para responder a esta questão, que durante séculos tem gerado polémica e tem envolvido os maiores pensadores, vou tentar analisar a teoria empirista e a teoria apriorista, duas das teorias existentes e mais emblemáticas, que tentam responder a esta questão.

A teoria empírica foi defendida essencialmente por dois filósofos: John Locke (1632-1704) e David Hume (1711-1776). A teoria apriorista teve como grande “pai” o mítico filósofo Immanuel Kant (1724-1804).

Agora que apresentei a questão a que vou tentar responder, e os meios que decidi usar para a resolver, vamos ver as teorias em causa.

Empirismo e Apriorismo - duas teorias em confronto.

O Apriorismo e o Empirismo são na sua génese muito parecidos, pois ambos partem da ideia que o conhecimento é suportado pelos objectos que nos rodeiam, considerando assim, que sem estes, o Homem não teria qualquer oportunidade de conhecer. Para captar os objectos, o homem utiliza os sentidos (visão, audição, entre outros), que funcionam como autênticas “vidraças” do ser racional, pois constituem a única forma de relação entre estes dois mundos: o do sujeito e do objecto

A partir destes pressupostos, empiristas e aprioristas seguem caminhos distintos na tentativa de explicar a génese do conhecimento. Para os primeiros, “o instrumento humano do conhecimento”, razão humana, e os próprios conhecimentos derivam da experiência, que para John Locke, um dos principais empiristas, como já vimos, se estratifica, num plano principal em

experiência externa, as sensações vividas pelo homem, e noutro plano, em experiência interna, a consciência que o homem tem da sua actividade intelectual. Diz-nos este filósofo que “nada existe no pensamento que não tenha existido primeiramente nos sentidos”.

Deste modo, os empiristas destacam o objecto, como fonte mais originária do conhecimento, sendo para estes filósofos a causa principal da referida experiência externa, no entanto consideram que o homem ao reflectir tem igualmente um importante papel no caminho cognitivo. O empirismo nega a existência de ideias inatas na nossa razão e a existência de conceitos e conhecimentos *a priori*. Todos os conhecimentos derivam da experiência (interna ou externa).

Devido a isto, alguns defensores do empirismo chegaram a defender que o homem é à nascença uma “tábua rasa”, que acaba por ser modelada antes de mais pela experiência sensível. A razão e os seus conceitos vão-se formando gradualmente a partir da experiência, e o homem por este processo vai-te tornando cada vez mais apto a conhecer a realidade.

Os aprioristas tal como já foi dito, também reconhecem que os objectos, a sensibilidade, são essenciais para o conhecimento, todo o conhecimento começa com a experiência e passa depois ao entendimento. Para Kant o homem não conhece a realidade mesma, mas apenas a relação que os seus sentidos estabelecem com os objectos reais. Destes objectos reais o homem nada sabe. O homem não conhece as coisas *em si*, mas apenas as coisas *para nós*, os fenómenos captados na experiência empírica.

Os aprioristas, afirmam que os conceitos necessários ao conhecimento não são resultado da experiência, existem *a priori*, tal como já dissemos. Os conceitos fundamentais do conhecimento não derivam da experiência pois são necessários para a organização da própria experiência. Para o apriorismo o conhecimento só é possível pela junção de duas faculdades: a sensibilidade pela qual os fenómenos são dados ao homem e o entendimento através do qual estes são pensados e explicados. O entendimento humano constrói as leis

da natureza, às quais estão submetidos os fenómenos, mas não o pode fazer se não possuir conceitos *a priori*.

Para os defensores desta teoria, os fenómenos, e o entendimento, no trabalho organizativo que faz, são dois aspectos fundamentais do conhecimento, que se encontram em pé de igualdade. Sem esta intervenção dupla, o homem não conseguiria dominar cognitivamente nada. Sem a relação empírica com a realidade nenhum objecto seria dado ao homem, mas também sem a razão nenhum seria pensado, pois, tal como Kant refere, para o processo cognitivo surgir é necessário tornar os pensamentos sensíveis e as sensações pensadas, ou, por outras palavras, é necessário reunir a receptividade e o entendimento pois o primeiro é imprescindível para a relação com os objectos do mundo exterior e o segundo para a ordenação racional.

Em suma, o empirismo defende que tudo é consequência da experiência, o apriorismo discorda do empirismo no que concerne à origem da Razão Humana e dos seus conceitos, pois estes defendem que os conceitos necessários ao conhecimento não podem derivar da experiência sensível. Mas podemos colocar esta questão aos aprioristas: de onde derivam então estes conceitos *a priori*? Como aparecem na nossa razão?

Conclusão - decisão final

Este é o espaço para deixar o objectivismo de lado e para definir a posição que tenho face a esta questão, o que não me é tarefa fácil. No entanto tentarei partir de pressupostos sólidos, para tentar formar uma ideia o mais verosímil possível.

Para mim parece-me credível que o Homem é influenciado pela realidade, e este, é sem duvida um aspecto crucial no processo cognitivo. Pois se o ser racional sabe o que é o céu, o fogo ou o mar, isto acontece, a meu ver, porque se relacionou com a realidade e ela é formada por estes elementos, pois não pode tomar consciência deles de outra forma. Também me parece provável que o Homem necessite de algo dentro de si que lhe permita reflectir sobre

aquilo que observa e lhe dê capacidades para criar leis que expliquem os fenómenos.

Penso que a teoria apriorista está mais próxima da verdade pois estou de acordo com a ideia que o entendimento humano, ou seja, a tal capacidade que o Homem tem em reflectir sobre os fenómenos, tem de possuir já capacidades para os entender no momento em que, depois de os observar, os tenta explicar através de leis. O Homem tem de possuir estruturas próprias para poder organizar esses fenómenos.

Neste sentido, sendo as teorias aqui referidas, relativamente semelhantes em muitos aspectos, naqueles em que diferem eu assumo uma posição mais próxima do apriorismo. Embora tenha dificuldades em assumir determinados conceitos necessários para formular uma resposta à questão levantada no início deste trabalho, tão difícil de solucionar, a minha posição é claramente mais próxima de Kant do que de Locke ou Hume.

Hugo Vilares - nº 13, 11º C - Maio de 2007